

APRESENTAÇÃO

Emerson Giumbelli e Fernanda Arêas Peixoto

Episódios recentes no Brasil colocaram em rota de colisão “sensibilidades religiosas” e “liberdade artística”. Dentre os mais repercutidos, podemos citar: a exposição QueerMuseu (Rio Grande do Sul, 2017); a peça *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu* (São Paulo e Pernambuco, 2018); o episódio sobre o Natal dos vídeos do coletivo Porta dos Fundos (2019); a exposição *Todxs xs santxs - renomeado - #eunãosoudespesa* (Rio de Janeiro, 2020). Em todos esses casos, produções apresentadas como “artísticas” geraram reações em nome da “religião”, envolvendo grupos e pessoas ligadas a confissões cristãs.¹ Coroando o clima de tensões instaurado, em 2020, o plenário da Câmara Legislativa do Distrito Federal aprovou, em primeiro turno, um projeto de lei que visa proibir manifestações “artísticas e culturais” que “vilipendiem símbolos religiosos em espaços públicos”.²

Esses e outros casos podem reforçar uma interpretação baseada na oposição moderna entre arte e religião. De acordo com essa narrativa,³ a modernidade, tendo a arte como uma de suas expressões, avançaria contra a religião – ou, mais propriamente, contra uma determinada ordem social hegemônica pela religião, emblema de um *ancien régime*. A arte, nesse contexto, teria sua autonomia, mais do que reconhecida, promovida – poder blasfemar constituindo-se em demonstração de competência artística. Em contrapartida, espera-se que os religiosos cerrem fileiras contra a arte, ou que ao menos lutem para mantê-la longe da religião.

1 Um relato desses casos pode ser encontrado em: <http://censuranaarte.nonada.com.br/>. Acesso em: 30 out. 2020.

2 Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/08/4869437-cldf-aprova-projeto-que-proibe-nudez-e-simbolos-religiosos-em-exposicoes.html>. Acesso em: 30 out. 2020.

3 Sem desconsiderar os múltiplos sentidos que os termos “moderno” e “modernidade” carregam, eles são utilizados aqui na acepção latouriana, para quem no coração da “constituição moderna” situam-se práticas “purificadoras”, que estabelecem partilhas e constituem zonas ontologicamente distintas, fundamentalmente entre humanos e não humanos, natureza e cultura, mas que proliferaram, assumindo diferentes contornos e designações (Latour, 1994). Além disso, não devemos esquecer as diversas teorias sociais que preconizaram a secularização do mundo moderno (industrial e capitalista), que contribuíram, a seu modo, para a definição de limites e separações entre a religião e outras esferas da vida social.

Se essa narrativa pode fazer sentido em linhas gerais, ela não deixa de ser permanentemente contestada. A despeito das diversas operações discursivas de constituição de fronteiras e domínios apartados, os contatos (e contágios) entre arte e religião estão por todo lado, basta prestarmos atenção no mundo ao redor, flagrando suas aparições. Quer dizer, as relações entre arte e religião na modernidade envolvem lógicas e intercâmbios mais complexos do que a simples oposição pode fazer supor. Não esqueçamos que parte das expressões da arte moderna do século XX em diante se desenvolve incorporando temas religiosos a seu acervo, gerando novas interpretações sobre eles e conferindo-lhes permanência cultural. A religião, por sua vez (referimo-nos basicamente ao cristianismo no contexto ocidental), não deixou de se relacionar com a arte, mesmo quando declarou suas desconfianças em relação às suas expressões modernas-modernistas.

Contatos e contágios ficam mais evidentes quando exploramos, ainda que brevemente, cada um dos termos da oposição que nos ocupa. Do lado da religião, um caminho para isso é acentuar suas dimensões materiais. Isso significa entender a religião não apenas como crença ou doutrina, mas por meio de práticas que mobilizam objetos e situam-se espacialmente.⁴ Evidentemente, não se trata mais da religião em geral, mas de práticas referidas a tradições específicas, raramente integradas como blocos monolíticos.⁵ Partindo dessa perspectiva, parece factível encontrar modos pelos quais objetos e espacialidades religiosas, de forma mais ou menos autorizada, dialogam com a arte, entendida como um campo socialmente definido. Também é possível sugerir uma aproximação ainda maior, quando consideramos que cada religião produz artefatos ou envolve uma estética. Ou seja, uma abordagem material da religião oferece pistas e ferramentas para percebermos determinadas relações com a arte, inclusive aquelas percorridas por tensões e reservas.

Do lado da arte, sem desconhecer os vínculos estreitos que estabeleceu com a religião ao longo da história da arte cristã – que se expressa nas diversas formas de “arte sacra” –, é possível entrever novas relações entre elas desde que evitemos tomá-las como “modos de verdade” ou “modos de existência” discretos e opostos (Latour, 2013), isto é, desde que des-

4 Ver a revista *Material Religion* e, entre outros, o trabalho de Birgit Meyer (Giumbelli, Rickli e Toniol, 2019).

5 A noção de tradição, na perspectiva sugerida aqui, segue de perto a elaboração de Talal Asad (2001).

loquemos o foco perspectivo, vendo arte e religião não como campos ou domínios, mas como *ars*, criações que envolvem materiais e procedimentos técnicos, alguns deles similares. A reformulação do ângulo de análise e a adoção de uma perspectiva que se quer pragmática liberam a pesquisa, que pode colocar sua atenção na descrição de práticas diversas e, com isso, flagrar contaminações recíprocas entre formas, repertórios e modos de fazer, tecnicamente “encantados”,⁶ da arte e da religião.

Religião e arte são temas que remetem para dois campos extremamente profícuos da produção antropológica, os quais têm se beneficiado das recentes viradas contemporâneas, que privilegiam ontologias e materialidades.⁷ Como apontamos acima, cada um desses temas permite explorações que levam ao outro. As contribuições deste livro, contudo, não se assentam em apreciações gerais sobre arte e religião, mas partem de situações etnográficas que expõem ou sugerem a sua imbricação. Com base neste recorte, é possível reivindicar que apresentamos um conjunto original de intervenções que refletem sobre os limites e interações entre arte e religião com resultados que suscitam diálogos e ressonâncias com outros trabalhos, também publicados no Brasil (Gonçalves, Guimarães e Bitar, 2013; Reinheimer e Sant’Anna, 2013; Menezes e Rabelo, 2015; Gomes e Oliveira, 2016; Peixoto, 2016; Oliveira, 2016; Giumbelli, 2016; Van de Port, 2016; Pereira et al., 2018).

Reconhecidas as imbricações entre religião e arte em suas variadas possibilidades, apostamos na necessidade de reexaminá-las. Não partimos de uma orientação uniforme em termos teóricos, pois julgamos que esse projeto pode ser empreendido sobre bases variadas, como demonstram os capítulos. Refletir sobre passagens e cruzamentos; seguir apropriações, usos e circulação de repertórios; descrever embates (estéticos e políticos) entre formas e regimes de conhecimento distintos, eis o desafio central do livro. A exploração detida de materiais e casos muito diversos que o volume propõe leva à problematização das práticas de estabelecimento de fronteiras e à reflexão sobre o que se passa nas zonas limítrofes (toda fronteira, como sabemos, separa e une, interdita e per-

6 Nos termos de Alfred Gell (1994).

7 Para visões gerais e recentes sobre esses campos, referências pertinentes são, para a antropologia da arte, Lagrou (2003) e Sansi (2015); para a antropologia da religião, Lambek e Boddy (2013), especialmente a parte sobre “práticas e mediações”, e Teixeira e Menezes (2020), particularmente os capítulos sobre mídia, arte, performance e materialidades.

mite travessias, fazendo proliferar empréstimos e conflitos). E mais, se as fronteiras são feitas e refeitas, os próprios domínios que elas ambicionam distinguir se mostram permanentemente afirmados e contestados, definidos e redefinidos.

Fazendo e desfazendo fronteiras

Os oito capítulos reunidos neste volume enfrentam o desafio de pensar passagens, cruzamentos e embates, sucessivos ou simultâneos, entre expressões artísticas e religiosas, olhando-os seja do ângulo das religiões, seja do prisma das criações artísticas – cada um deles oferecendo configurações originais de relações entre zonas que ora se querem esferas contíguas, orientadas por princípios ou valores que podem entrar em colisão, ora se mostram terrenos híbridos, mas possivelmente tensionados por dissociações e choques.

O texto de Renée de la Torre, “La Virgen de los mil y un rostros”, privilegia as controvérsias em torno daquele que se consolidou como símbolo dominante do catolicismo nacional mexicano: Nossa Senhora de Guadalupe. Na sua imagem, convivem significados vários, ligados às cosmovisões indígena e europeia, a sentidos de feminilidade, de território, etnicidade, entre outros. Amplamente reproduzida ao longo da história e objeto de intervenções artísticas sistemáticas, a imagem mostra-se polissêmica, polimórfica e policromática, reivindicada seja como expressão da nação, seja como manifestação de povos indígenas e/ou de um povo mestiço, transmutando-se, assim, “de símbolo nacional a criollo, de mestiça a castiça, de mãe abnegada a jovem feminista e liberada, de submissa a rebelde, de pacificadora a rebelde”. O texto acompanha especialmente o episódio tenso em torno da escultura *Sincretismo*, instalada nas ruas de Guadalajara, de autoria de Ismael Vargas (1947-). Um dos grandes interesses do caso e da análise é colocar a sua ênfase nos devires da imagem que, quando parece se estabilizar com determinada forma e face, já é outra – situação que remete à noção de *iconoclash* (Latour, 2008). As apropriações artísticas têm como contraponto as reações de grupos católicos em sintonia com políticas religiosas que operam em múltiplas escalas, do local ao nacional.

Os dois capítulos seguintes – um assinado por Fernanda Arêas Peixoto e Júlia Vilaça Goyatá, “Circulações e aparecimentos da forma altar entre arte e religião”, e outro por Christina Vital da Cunha e Paola Lins de Oliveira, “Sentidos de transformação na *street art*: religião, arte e política nos Anjos de Wark da Rocinha” – abordam obras individuais e enfatizam o trânsito de formas, repertórios e ideias (estéticas e políticas), com o auxílio de criações que se querem artísticas. No primeiro caso, algumas obras do haitiano Frantz Jacques, mais conhecido como Guyodo (1973-), e do mineiro Farnese de Andrade (1926-1996) são trazidas à baila em função do modo como fazem uso dos altares e objetos vodu (Guyodo) e dos arranjos devocionais católicos (os objetos-oratórios de Farnese), o que deixa ver a maneira como composições e motivos retirados das práticas religiosas cotidianas reaparecem, transformados, nas criações artísticas. O texto de Christina Vital da Cunha e Paola Lins de Oliveira, por sua vez, discute a propagação de uma imagem historicamente associada ao universo místico judaico e cristão (a do anjo) pelos muros grafitados da cidade do Rio de Janeiro. O responsável pelo feito, Wark da Rocinha, usa e reinterpreta o símbolo (também presente em oratórios de Farnese), embora declarando expressamente o seu afastamento da religião (como faz igualmente Guyodo). Diferenças à parte, os três artistas revelam grande apreço pelo lixo, o que parece ser eloquente da aposta que fazem no potencial transformador das criações artísticas, operando sobre coisas e sobre o mundo ao redor. Se o primeiro artigo problematiza os novos sentidos e práticas que cercam os objetos quando deslocados dos espaços rituais e domésticos para os espaços de exposição, o segundo retoma, de outro ângulo, a estética urbana (enfrentada especialmente nos dois capítulos seguintes), só que o faz pelo exame do grafite e do seu potencial crítico.

Os ensaios de Edilson Pereira, “Do Holocausto à terra prometida: a criação de um memorial na paisagem carioca” e de Emerson Giumbelli, “Monumentais imperfeições: arquitetura e estética de dois grandes templos católicos”, colocam o foco sobre artefatos arquiteturais específicos. O primeiro segue o plano e a construção recente do Memorial às Vítimas do Holocausto, um conjugado de monumento e espaço expositivo, cravado no topo do Morro do Pasmado, em Botafogo,

Rio de Janeiro. O segundo se debruça sobre o projeto de duas igrejas: uma, parte do Santuário Santa Paulina, localiza-se no sul do Brasil e foi construída entre 2003 e 2006; a outra, iniciada em 2007, situa-se nos arredores da cidade de Guadalajara, México, e abrigará o Santuário dos Mártires. Estamos diante de realizações de timbre monumental que associam e opõem atores diversos, e que dramatizam, em suas formas e enredos, tensões e dissensões entre desenho arquitetônico moderno e demandas religiosas; entre arquitetura e paisagem urbana; entre estética urbana, religião e política. O monumento bíblico, no primeiro texto, desvela uma trama de relações entre atores políticos, comunidades étnico-religiosas, arquitetos, especialistas do patrimônio, associações de moradores etc. Os “megatemplos” católicos, por seu turno, analisados do ponto de vista da estética e de sua aparência, lançam uma reflexão sobre o ideal (como telos) e a imperfeição (como resultado não pretendido). Embaralhar sagrado e profano é um dos efeitos paradoxais dessas construções religiosas.

As contribuições de Pereira e Giumbelli ilustram a possibilidade acima mencionada de religião e arte estarem confundidas ou sobrepostas em determinadas situações. Tratam, o primeiro, de um memorial que, em suas formas estéticas e sua relação com a paisagem urbana, assume sentidos religiosos, culturais e políticos; o segundo, de templos analisados como artefatos estéticos. Já os três capítulos anteriores acompanham pessoas e obras que se situam no terreno da arte (embora haja significativas diferenças nessa inserção quando se comparam Vargas, Farnese, Guyodo e Wark) e que dialogam com elementos, imagens e estéticas religiosas. Dessa perspectiva, nota-se um contraponto com os capítulos finais, mais próximos entre si ao enfocarem universos definidos pela religião, ou a ela referidos, para perceber como eles avançam na direção de produções no campo do entretenimento ou da indústria cultural – que podemos considerar afins ao mundo da arte.

Os textos de Taylor de Aguiar, “A adoração na ‘cultura’: margens e mediações entre música congregacional, arte religiosa e produção comercial na atuação de uma banda de jovens evangélicos”, de Leonardo Oliveira de Almeida, “Entre o *fundamento* e o *popstar*: concepções de arte em circulação no contexto religioso afro-gaúcho”, e de Jorge Scola,

“Ver, visitar, participar: a produção do ‘bíblico’ com base em telenovelas brasileiras”, propõem novos deslocamentos analíticos e ampliações perspectivas em função da consideração da produção musical evangélica, que ganha vulto a partir dos anos 1980 (capítulo de Aguiar); da profissionalização dos tocadores de tambor, que atuam nas religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul (texto de Almeida); e das adaptações televisivas de histórias bíblicas, na origem de roteiros turísticos a elas relacionados (que Scola acompanha).

O primeiro desses três capítulos segue um grupo de jovens evangélicos de Porto Alegre/RS, cujo culto se inspira em uma tendência teológico-musical (*worship*), na base de uma “estética da adoração”, que confere novos sentidos à experiência religiosa e ao ser evangélico no Brasil contemporâneo. O segundo volta-se para o modo como as categorias “arte” e “artístico” circulam com as carreiras dos jovens “tamboreiros”, lançando-se também ao exame de um mercado religioso específico e de sua profícua produção (roupas, brasões, adereços etc.). O terceiro dedica-se à teledramaturgia da rede Record de televisão voltada para a construção autenticada de “paisagens bíblicas” e seus desdobramentos na promoção de viagens a locais cujo peso simbólico tem crescido em políticas religiosas. Os três casos nos obrigam a incursionar por universos religiosos percorridos por configurações que podem envolver disputas ou ao menos concepções interpretativas diversas. Além disso, as análises nos colocam diante de uma série de mediações e traduções que se operam quando das fricções entre religião, mídias e mercados; entre produção e consumo de artefatos; e entre os próprios sentidos de “arte” e “religião” – que se alteram, se afastam ou se aproximam ao ritmo dos trânsitos realizados.

Perspectivas plurais

Se os recortes são diversos (uns privilegiam casos específicos, outros desenham percursos mais horizontais), os textos seguem etnograficamente “performações” da arte e da religião, levando a vê-las menos como domínios discretos, mas sobretudo em função de suas metamorfoses. A atenção às zonas de fronteiras e às traduções (e traições de sentido) que aí se operam tem como mérito primeiro o próprio desloca-

mento das noções e sentidos correntes de “arte” e “religião”. Afinal, nessas “performações”, a religião pode se comunicar ou se transformar em arte, assim como as artes podem se associar à religião, em processos frequentemente marcados por ruídos e dissonâncias. E mais: colocando-se nos espaços do meio, no “entre”, os autores e suas análises fazem ver modos de existência da religião fora de controles e molduras institucionais, bem como outras formas de ser da arte, que se multiplicam em manifestações diversas, além da “alta cultura”, de gêneros e espaços canonicamente estabelecidos.

Evocamos mais acima o pluralismo teórico que acompanha as análises desenvolvidas nos capítulos reunidos neste livro. Vale destacar que uma das fontes desse pluralismo é a articulação entre referências mais recentes no campo da antropologia e referências mais afastadas no tempo e mais diversas por suas vinculações disciplinares. Entre estas últimas, percebe-se a presença de Georg Simmel, de Walter Benjamin, de Michel Leiris, de Georges Bataille, de Jesús Martín-Barbero, entre outras. Sem se basear em uma orientação coordenada, tais referências traduzem a percepção compartilhada de que a discussão da relação entre religião e arte não se vincula a tendências ou a modas contemporâneas específicas.

Observação semelhante pode ser feita em relação à dimensão política. Não por acaso, iniciamos esta apresentação registrando casos nos quais atividades artísticas são denunciadas em nome de sensibilidades religiosas, pois compartilhamos o incômodo que tais reações provocam, um incômodo que expressa preocupações claramente políticas. Quando propomos que as relações entre religião e arte sejam discutidas para além de embates mais explícitos, tais preocupações continuam a se manifestar. Os episódios, situações e configurações abordados nos vários capítulos estão repletos de agências e implicações políticas. Ou seja, estamos apontando que a política, constitutiva da vida social, se faz presente não apenas quando arte e religião estão em colisão, mas em diversos modos de interação. Evidenciar essa pluralidade é um dos objetivos desta obra.

A brevíssima apresentação dos capítulos do livro, que convidamos o leitor a percorrer com mais vagar, não deixa dúvidas em relação aos muitos vínculos existentes entre eles. A organização, ao tomar como critério o ponto de partida das situações analisadas – começando pela

arte e terminando com a religião –, não pretende anular outras aproximações, que os leitores saberão localizar (algumas já foram apontadas, como a relação com paisagens urbanas em seus variados fatores de composição – política, memória, ocupação etc.). Vale mencionar ainda a diversidade de referências religiosas; embora a maioria dos casos envolva o universo cristão, religiões de matriz africana e elementos judaicos também marcam presença. Algo semelhante pode ser afirmado sobre o universo artístico, representado por expressões ora mais “eruditas”, ora mais “populares”, além de se desdobrar em realizações que se vinculam à arquitetura e ao entretenimento.

Este livro consolida e amplia diálogos realizados desde 2015 no âmbito do “MARES – Religião, arte, materialidade e espaço público: Grupo de Antropologia”, ao qual a maioria dos autores pertence.⁸ A exceção é Renée da la Torre, convidada a participar desta coletânea, e cuja presença nela evidencia o valor que conferimos aos diálogos latino-americanos. Tal valorização se expressa também no enfoque de situações que extrapolam o Brasil como território – como mostram os textos de Giumbelli (que inclui um caso mexicano) e de Peixoto e Goyatá (que aborda um artista haitiano). A referência latino-americana encontra-se ainda na raiz da proposta deste livro, já que os recursos empregados na sua diagramação têm como origem a XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, a cujos organizadores agradecemos. Estendemos nossos agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que elaborou a chamada que contemplou nosso projeto de publicação. Izabella Bosisio contribuiu com a revisão da maioria dos capítulos, financiada com recursos do CNPq.

Esperamos que a contribuição do MARES para as discussões propostas por este volume ganhe, na sua repercussão, a mesma atenção que dedicamos em sua preparação. Se quisermos sintetizar o propósito central do projeto, é possível dizer que se trata de reafirmar que arte e religião não constituem províncias distantes e antagônicas. Como indicam os capítulos deste livro, elas continuam a habitar mundos contíguos ou a se encontrar em configurações variadas, o que propõem que olhemos para elas menos por meio de postulados e assertivas (do tipo

⁸ O MARES está registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Para informações sobre sua composição e suas atividades, ver: <https://maresantropologia.wordpress.com/>.

“a arte é” ou a “religião se define por”), mas sobretudo em função de práticas que efetivam passagens, cruzamentos e embates, na origem de novas criações artístico-político-religiosas, muitas delas de resultados e efeitos surpreendentes.

Referências Bibliográficas

ASAD, T. Reading a Modern Classic: W. C. Smith’s “The Meaning and End of Religion”. *History of Religions*, Chicago, v. 40, n. 3, p. 205-222, 2001.

GIUMBELLI, E. Ciência, arte, religião: conexões, dissoluções. In: FONSECA, C. et al. (org.). *Antropologia da ciência: desafios etnográficos e dobras reflexivas*. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 35-62.

GIUMBELLI, E.; RICKLI, J.; TONIOL, R. (org.). *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

GOMES, E. C.; OLIVEIRA, P. L. (org.). *Olhares sobre o patrimônio religioso - Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mar de ideias, 2016.

GONÇALVES, J. R.; GUIMARÃES, R. S.; BITAR, N. P. (org.). *A Alma das Coisas: patrimônios, materialidade e ressonância*. Rio de Janeiro: Mauad X/ Faperj, 2013.

LAGROU, E. Antropologia e Arte: uma relação de amor e ódio. *ILHA*, v. 5, n. 2, p. 93-113, 2003.

LAMBEK, M.; BODDY, J. (org.). *A Companion to the Anthropology of Religion*. Chichester: Wiley/Blackwell, 2013.

LATOUR, B. *Jamais fomos Modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, B. O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem?. *Horizontes Antropológicos*, n. 29, p. 111-150, 2008.

LATOUR, B. *Investigacion sobre los modos de existencia*. Una antropología de los modernos. Buenos Aires: Paidós-Argentina, 2013.

MENEZES, R.; RABELO, M. Editorial (Materialidades do Sagrado). *Religião & Sociedade*, v. 35, n. 1, p. 9-12, 2015.

OLIVEIRA, P. L. *Arte e religião em controvérsia*. Relações entre censura, arte erótica e objetos religiosos. Rio de Janeiro: Mar de ideias, 2016.

PEIXOTO, F. A. Os objetos e suas artes. In: FONSECA, C. et al. (org.). *Antropologia da ciência: desafios etnográficos e dobras reflexivas*. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 63-80.

PEREIRA, E.; SANZI, R.; GIUMBELLI, E.; MACHADO, C. Editorial: Religião, Arte e Cultura. *Religião & Sociedade*, v. 38, n. 3, p. 9-15, 2018.

REINHEIMER, P.; SANT'ANNA, S. (org.). *Manifestações artísticas e ciências sociais: reflexões sobre arte e cultura material*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2013.

SANZI, R. *Art, anthropology and the gift*. London: Bloomsbury, 2015.

TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (org.). *Antropologia da religião*. Petrópolis: Vozes, 2020. No prelo.

VAN DE PORT, M. Expondo Exu: algumas notas sobre práticas de exibição em religião, artes e ciências. In: FONSECA, C. et al. (org.). *Antropologia da ciência: desafios etnográficos e dobras reflexivas*. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 99-116.

Jornal consultado

CLDF aprova projeto que proíbe nudez e símbolos religiosos em exposições. *Correio Braziliense*, Brasília, 18 ago. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/08/4869437-cldf-aprova-projeto-que-proibe-nudez-e-simbolos-religiosos-em-exposicoes.html>. Acesso em: 30 out. 2020.

Site consultado

OBSERVATÓRIO de Censura à Arte. Disponível em: <http://censuranaarte.nonada.com.br/>. Acesso em: 30 out. 2020.